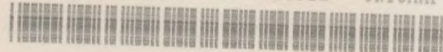


ZIGGIATTI, Laerte. Entidade procura profissionalizar menor carente.
Folha de São Paulo, São Paulo, 14 abr. 1981.

*Entidade procura
profissionalizar
Folha de São Paulo
menor carente*

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025322

14.4.81 LAERTE ZIGGIATTI

Há cerca de quinhentas "Guardinhas" espalhadas pelas cidades brasileiras, entidades privadas de cunho filantrópico cuja finalidade é de fornecer meios educativos para que o menor carente possa se integrar no mercado de trabalho. A idéia e o modelo de organização partiram da Guardinha de Campinas. "Eu não tenho notícia de outra Guardinha na época da fundação de nossa entidade em Campinas" — garante o presidente da Associação de Educação do Homem de Amanhã (AEDHA — denominação oficial da Guardinha), sr. Rui Rodrigues.

As ordens da AEDHA remontam ao ano de 1940, quando foi formada em Campinas a Guarda de Automóveis. Em 1955, a associação procurou ampliar seu âmbito de ação e dez anos depois, a Guardinha iniciava sua ação educativa. Desde esse ano, a entidade conseguiu formar dez mil menores, trabalhando em média com uma turma de dois mil adolescentes entre meninos e meninas, dos quais mil e quatrocentos estão colocados em empresas e cerca de quinhentos realizam programa de treinamento intensivo.

Basicamente, a "Guardinha" tem função profissionalizante, colaborando na organização do mercado de trabalho para o menor. A idade mínima para a aceitação do candidato é doze anos, devendo também ter completado a quarta série do 1º grau. Inscrito, o menor é encaminhado para as aulas de treinamento, que incluem matérias sobre comportamento, higiene, moral, civismo, saúde e aprendizado de atividades primárias em empresas tais como datilografia, preenchimento de cheques, serviços burocráticos em geral. Há também cursos práticos especializados de artesanato, tipografia, encadernação, marcenaria, confecções de roupas e calçados. Essa fase estende-se por período de sessenta a noventa dias, completando-se com instruções diárias de ordem-unida.

Quem entra no pátio da "Guardinha", à tarde, poderá surpreender grupos de meninos e meninas obedecendo às ordens de "marche-esquerda-direita-volver" dadas pelo chefe da disciplina.

No fim dos treinamentos, o candidato recebe uniforme fabricado pela cerimônia, à qual comparecem autoridades civis e militares. O formando está pronto para passar para o Serviço Social dos "Guardinhas", setor responsável pela colocação do menor nos chamados estágios profissionalizantes, atendendo pedidos feitos por firmas.

O salário atual de Cr\$ 4.200, é pago diretamente à entidade, que retém de 20% a 30%, destinados a manutenção e benefícios dos menores associados, como alimentação, tratamento médico e dentário, barbeiro, material escolar e uniforme.

Quanto à sustentação financeira, a AEDHA, além da contribuição dos próprios Guardinhas, recebe colaboração através de convênios firmados com a Prefeitura de Campinas, o Fundo Assistencial do Palácio do Governo do Estado de São Paulo, a FEAC (Federação de Entidades Assistenciais de Campinas) e a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem). Fonte importante de recursos é o setor de confecções de calçados e uniformes da associação, que além de servir ao consumo interno, vende o excedente para "Guardinhas" de outras cidades. A AEDHA também fornece marmitas para o presídio de Campinas.

Na opinião do Sr. Rui Rodrigues, o "homem de amanhã" é: "homem consciente de suas responsabilidades para com a pátria e a família. Nós preparamos e disciplinamos o menor para que ele sirva à empresa. Muitos de nossos menores começaram como "Guardinhas" e já tornaram-se funcionários de firmas."

RESPOSTA?

Representaria essa entidade filantrópica uma autêntica resposta da sociedade à crise?

"De maneira nenhuma" — afirma o sociólogo Edmundo Fernandes Dias, da Universidade Estadual de Campinas. (Unicamp). "Trata-se de filantropia entre aspas, cujo objetivo maior é o de fornecer mão-de-obra barata e disciplinada. Geralmente o "Guardinha" substitui um "office-boy" que custa mais caro para a empresa. Essa é uma entidade ligada à Associação Comercial e Industrial de Campinas, à qual serve como agente coletora de mão-de-obra."

Todavia, segundo o sociólogo Antônio Carlos de Oliveira, também da Unicamp, a "Guardinha" visa a disciplinar o menor carente para evitar marginalização, mas companhias e impedir que ele seja absorvido pelo tráfico de tóxicos, destinando-lhe uma ética de trabalho.

Mas, o professor Edmundo Fernandes Dias ainda aponta para uma questão ideológica ao referir-se à rígida hierarquia militarizada da entidade, que teria por função envolver o menor com valores autoritários "trata-se de preparar uma força de trabalho obediente, para enquadrá-la no autoritarismo vigente nas empresas. Uma força de trabalho disciplinada e passiva, sem muita clareza quanto aos seus direitos. A "Guardinha", no fundo — afirma ele — funciona para impedir o surgimento da cidadania".